

## Editorial

*Arnaldo Érico Huff Júnior*

*Plura* é uma forma plural do termo latino *plus*. As traduções para o português indicam sentidos como “muitos, numerosos, vários”. São sentidos que estão na base da proposta de *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, iniciativa da Associação Brasileira de História das Religiões, ABHR. Trata-se de um espaço dedicado à publicação da pesquisa acadêmica acerca da religião, em suas diversas manifestações e abordagens.

A História das Religiões no Brasil tem um processo de constituição distinto da Europa e dos Estados Unidos, onde foi alavancada inicialmente, desde o final do século XIX, a partir da teologia e da ciência da religião, abrindo-se posteriormente aos demais campos das ciências humanas. Em solo brasileiro, interesses no fenômeno religioso que transcendem a história da igreja (já praticada no âmbito da teologia) surgiram inicialmente no campo das ciências sociais, ainda em princípios do século XX, alastrando-se depois para outras áreas. Departamentos de ciência(s) da religião tiveram, já na segunda metade do século XX, também um papel importante neste processo, todavia algo distanciados daquela história clássica das religiões. Nos últimos dez anos, a ABHR, por sua vez, tem se firmado como fórum de encontro no qual costumaram convergir historiadores, antropólogos, teólogos, sociólogos, cientistas da religião, psicólogos e filósofos, entre outros, em recortes diversos e debruçando-se sobre fenômenos religiosos variados. O ponto que aqui importa é que, independentemente de se pensar a partir de uma tradição mais clássica da História das Religiões, ou a partir das práticas multi- ou interdisciplinares às quais temos nos acostumado no Brasil, os caminhos trilhados têm apontado para uma mesma realidade, a saber, o fenômeno religioso é vário e várias podem e devem ser suas formas de compreensão. É este, em princípio, o almejado vir-a-ser de *PLURA*.

E começamos bem. Abre a seção de artigos deste primeiro número um texto do professor Otávio Velho, publicado originalmente na Grã-Bretanha, “É a religião um modo de conhecimento?” Nele, Velho discute com antropólogos e filósofos, como Bruno Latour e de Marilyn Strathern, acerca da questão de até que ponto a religião deve ser considerada uma forma de conhecimento.

Buscando a perspectiva de regiões tidas até agora como periféricas, como é o caso do Brasil, o autor propõe-se a verificar o rendimento metodológico de abordagens diversas diante do tema, especialmente a noção de “redes”.

Eduardo Gross, no segundo texto desta edição, trata do caráter hermenêutico da filosofia da religião. Abordando temas como a ambigüidade da verdade, a historicidade, a tradição, o estranhamento, o passado e o presente, a linguagem e a poética da religião, Gross atesta as vantagens da aproximação hermenêutica para o exercício da filosofia da religião, todavia em uma perspectiva que, como no caso do primeiro artigo, transcende o campo disciplinar do qual parte, podendo iluminar discussões em outros campos de pesquisa.

No terceiro texto, Silas Guerriero dispõe-se a tratar do complexo e espinhoso tema do *trabalho de campo* no estudo das religiões. A partir de sua experiência como professor de ciências da religião em nível de pós-graduação, Guerriero problematiza a questão da objetividade e da (inter)subjetividade que permeia o contato entre pesquisadores e “nativos”, apontando as crenças e *ethos* em movimento e interação em ambos os lados do encontro. O outro, em seu argumento, já não é tão outro assim.

Encerra a seção de artigos o texto de Wellington Teodoro da Silva, sobre o lugar institucional da esquerda católica. O texto é parte do fruto de sua pesquisa de doutorado, dedicada ao jornal *Brasil, Urgente*. Nele, Silva aponta para a afiliação tradicional da esquerda católica, sua busca de legitimação no campo interno ao catolicismo e as reconstruções da tradição católica que efetua em meio a dinâmicas e disputas pela verdade religiosa.

A seção temática deste número, intitulada *Mediações na religiosidade popular*, foi organizada pelos professores José Rogério Lopes e André Luiz da Silva, e é por eles apresentada adiante. A comissão de redação de *PLURA* agradece-lhes o trabalho de coedição, bem como a dedicação e efetiva contribuição ao estudo das transformações ocorridas no campo religioso do Brasil e do México.

A seção de resenhas encerra este primeiro número.

Que *PLURA* venha para ficar.

Boa leitura.

O Editor.